

O IMAGINÁRIO MÍTICO DE MAYANDEUA E A LENDA DA PRINCESA DO LAGO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE FLÁVIO DE BRITTO¹

Luiz Guilherme dos SANTOS JUNIOR²

Recebido: 02/01/2026

Aprovado: 03/03/2026

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o imaginário mítico da região encantada de Mayanadeua e a representação arquetípica da Princesa do Lago que habita esse espaço lendário, a partir da obra literária infantil e juvenil de Flávio de Britto, que produziu sua obra por meio de fanzines artesanais. Esse imaginário está presente na produção literária do referido escritor, que empreendeu uma vasta pesquisa oral sobre as diversas lendas que fazem parte da mentalidade coletiva dos moradores e moradoras desse município. Teoricamente, a interpretação analítica está baseada em estudiosos do imaginário amazônico que empreenderam pesquisas acerca do mítico e do lendário, dentre os quais: Fares (2007; 2015), Orico (1975), Loureiro (2001) e Meletínski (1987; 2002).

Palavras-chave: Imaginário. Mito. Lenda. Princesa do Lago. Literatura infantil e juvenil.

THE MYTHICAL IMAGERY OF MAYANDEUA AND THE LEGEND OF THE PRINCESS OF THE LAKE IN THE CHILDREN'S AND YOUNG ADULT LITERATURE OF FLÁVIO DE BRITTO

Abstract

This article aims to analyze the mythical imagery of the enchanted region of Mayanadeua and the archetypal representation of the Princess of the Lake who inhabits this legendary space, based on the children's and young adult literature of Flávio de Britto, who produced his work through handcrafted fanzines. This imagery is present in the literary production of the aforementioned writer, who undertook extensive oral research on the various legends that are part of the collective mentality of the inhabitants of this municipality. Theoretically, the analytical interpretation is based on scholars of the Amazonian imaginary who have undertaken research on the mythical and the legendary, among whom are: Fares (2007; 2015), Orico (1975), Loureiro (2001) and Meletínski (1987; 2002).

Keyword: Imaginary. Myth. Legend. Princess of the Lake. Children's and young adult literature.

A trajetória de um artista

O poeta e educador Flávio de Britto nasceu no município de Castanhal, Estado do Pará, no ano de 1971. Ele é formado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará e, atualmente, é professor da rede municipal na região do Salgado-PA, ilha de Mayanadeua. Residente na Vila de

¹ O presente artigo é parte do estágio de pós-doutoramento que realizei na Universidade do Estado do Pará (UEPA); e foi originalmente publicado na íntegra no livro: *A literatura infantil e juvenil em diferentes tempos e espaços – pesquisas na Amazônia* (2026).

² Pós-Doutor em Artes Visuais (PROFARTES). Doutor em Comunicação Social (PUCRS); professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA-Breves). <https://orcid.org/0000-0002-5460-7663>.

SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayanadeua e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Camboinha, Flávio atua como músico (compositor) e pedagogo, contribuindo para a valorização da arte e da educação nesse município. Sua trajetória musical teve início na década de 1990, período em que integrou diversos grupos de estilos variados no seu município de origem. Como compositor, destacou-se pela criação de obras voltadas para o estilo regional, com o intuito de divulgar as tradições amazônicas. Além de músico, a atuação como pedagogo reforça o seu engajamento com a educação, ao utilizar as artes visuais e a literatura como ferramentas de ensino e transformação social.

No âmbito da cultura popular, em Castanhal, teve uma participação ativa em manifestações tradicionais como: Folias Bumbalescas, Cordões de Pássaros e Teatro Popular. Já no campo literário, em 2012, venceu o Concurso Literário de Castanhal na categoria Poesia. Por sua contribuição no campo literário e cultural desse município, tornou-se membro da Academia de Letras de Castanhal (ACL), onde ocupa a Cadeira de Número 28.

No contexto da educação, Flávio de Britto atua na Escola Duque de Caxias, localizada na Vila de Camboinha, onde leciona para turmas do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º ao 5º ano), na modalidade multianos. Além disso, também ministra aulas no Ensino Fundamental – Anos Finais na Escola Maria de Lourdes, situada na Vila de Algodoal, onde é responsável pelas disciplinas de Arte e Estudos Amazônicos. Ambas as escolas pertencem ao município de Maracanã.

Essa (com)vivência do escritor com o contexto social de Mayandeua, despertou-lhe o desejo de escrever e registrar o imaginário cultural da ilha. Não apenas, mas levar esse legado mítico às escolas, e tornar esse imaginário bem mais próximo dos moradores locais, por meio de práticas de leitura oral e escrita. A partir desse “mergulho” cultural e literário, os textos do escritor captam o imaginário de diversos lugares emblemáticos da Ilha de Mayandeua, especialmente aqueles que carregam histórias, mitos e significados culturais para os moradores.

As narrativas anotadas pelo escritor falam sobre o imaginário mítico dos seguintes lugares: Camboinha, Algodoal, Fortalezinha e Mocoóca. Em Camboinha, por exemplo, o cotidiano dos pescadores e marisqueiras se mistura ao fantástico, onde criaturas encantadas e espíritos das águas, segundo as pessoas do lugar, aparecem nas noites de lua cheia, dentre os lugares, próximo à “Pedra Chorona”, bem como na “Trilha Encantada”, entre a Camboinha e a praia de Fortalezinha.

Esses lugares, carregados de simbologia e memória, são recriados nos fanzines do escritor por meio de histórias que mesclam realidade e ficção, preservando a oralidade e o imaginário popular das

comunidades de Mayandeua. Assim, o projeto não apenas registra o patrimônio imaterial da ilha, mas também o reinventa, dando voz às tradições em novas formas literárias.

Ao ouvir os relatos dos pescadores, dos mestres da maré e dos velhos que ainda conhecem os nomes secretos dos animais e das plantas, o autor colhe palavras como quem colhe frutos maduros, com cuidado, reverência e desejo de permanência. Essas falas são depois vertidas em literatura, mas sem perderem sua musicalidade, suas pausas e seus mistérios. Para ele: “a escrita não domestica a oralidade: ela a honra, amplia e ressoa, criando um texto que pulsa com o ritmo dos curimbós que chega em todos os cantos da ilha através do vento de Maya” (Flavio de Britto).

Assim, a oralidade é a matriz da escrita poética de Flávio de Britto. A escrita, nesse processo, torna-se ferramenta de resistência e arquivo de encantamento, preservando as inflexões do sagrado, os mitos que explicam o mundo e os ensinamentos que não cabem em manuais. Em cada história escrita, ainda se ouve a voz ancestral — seja ela indígena, africana, ribeirinha ou mítica —, reafirmando que a literatura nasce do fascínio pela escuta e floresce como ponte entre o invisível e o eterno, assim como se liga às mitologias dos diversos povos e culturas.

Na obra do escritor, oralidade, escrita e imagem se combinam para compor seus fanzines impressos ou digitais. A opção de utilizar os fanzines como meios de divulgação das narrativas de Mayandeua, representa seguir um caminho contrário das editoras, do mercado editorial, como uma forma ideológica de resistência, já que os fanzines, enquanto formato e modo de produção, representam uma forma de intervir na realidade da ilha de uma forma mais espontânea e artística.

Até o momento, o autor já produziu aproximadamente mais de 800 fanzines, resultado de anos de dedicação à literatura e de um trabalho contínuo que alia criatividade, escuta sensível das comunidades e compromisso com a valorização da cultura das ilhas. Essa expressiva produção literária, evidencia não apenas a dimensão artística do projeto, mas também sua potência como ferramenta educativa, social e afetiva.

Por conta da amplitude do projeto literário de Flávio de Britto, é preciso uma classificação dos temas e entes sobrenaturais que aparecem em seus fanzines. Desse modo, a classificação a seguir registra os gêneros de base ou matrizes gerais dos fanzines: Fábulas de Mayandeua; Contos fantásticos de Mayandeua; Contos de Mayandeua; Cirandas de Mayandeua; Música Folclórica de Mayandeua; Crônicas de Mayandeua; Teatro Popular de Mayandeua; Iconografia de Mayandeua; Poesia de Mayandeua e Cordeis de Mayandeua.

O Projeto Primolius

O *Projeto Primolius* foi criado pelo escritor, compositor e pedagogo Flávio de Britto, com o objetivo de revelar o universo fantástico das narrativas orais pertencentes à ilha de Mayandeuá³. No blog criado por Flávio de Britto, as pessoas podem ter acesso há dezenas de narrativas em forma de crônicas, contos, teatro e poesias, ligadas ao gênero infanto-juvenil. Segundo ele, “trata-se de uma compilação de obras fictícias que extraem inspiração da rica interseção entre a cultura, a natureza exuberante e a magia envolvente da APA Algodoal - Mayandeuá, situada no Município de Maracanã no Nordeste do Pará, Amazônia, Brasil”⁴.

O projeto surgiu como uma forma de unir literatura, arte e cultura mayandeuense. A inspiração para o projeto veio da convivência do escritor com as pessoas do lugar e, sobretudo, a partir do contato com o imaginário mítico da região. Assim, tal convívio, nesse contexto das ilhas, despertou-lhe o desejo de elaborar um projeto por meio de fanzines, que pudesse registrar, poeticamente, diversas narrativas da região do Salgado-PA. Segundo o escritor, há o “desejo de preservar e ampliar as histórias, mitos e tradições das ilhas e região, utilizando a narrativa fantástica como ferramenta para valorizar a identidade cultural local” (Flávio de Britto).

A pesquisa do autor para a produção dos fanzines foi realizada a partir da (com)vivência direta nas ilhas de Mayandeuá, do contato com os moradores locais e da observação do cotidiano da vida ribeirinha. Assim, as narrativas orais, os mitos, os costumes e as expressões da cultura local foram incorporados na produção dos textos literários do escritor. Além da observação direta, as pesquisas envolveram conversas com mestres da cultura popular, artesãos, pescadores, caçadores e canoeiros, garantindo que os fanzines servissem, não apenas como um instrumento educativo, mas também como um meio de registro e preservação da memória coletiva. De acordo com o escritor, ao falar sobre sua experiência como artista e professor em Mayandeuá:

O imaginário mítico de Mayandeuá representa um ponto de encontro entre as tradições ancestrais e as possibilidades de renovação cultural para as futuras gerações. Para mim, esse imaginário não é apenas um conjunto de mitos e narrativas, mas uma porta de entrada para o entendimento profundo da identidade da região. Ele

³ Primolius é um tipo de papagaio que pode ser encontrado em Mayandeuá e noutras regiões do Brasil. Também é chamado de Primolius maracana, uma referência ao município paraense de Maracanã.

⁴ Disponível em: <https://projetoprimolius.blogspot.com/>

SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayandeuá e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

é, acima de tudo, uma forma de preservação da memória coletiva, que precisa ser passada, garantindo que as futuras gerações se conectem com suas raízes e compreendam a riqueza da cultura Mayandeuense-amazônica (Flávio de Britto).

Além disso, o referido projeto nasceu com a proposta de envolver a comunidade, especialmente crianças, jovens em atividades literárias, musicais e teatrais, no sentido de promover a divulgação das narrativas de Mayandeu. A iniciativa também reflete o compromisso do autor com a educação e a arte, ao combinar suas experiências como pedagogo, escritor e um representante da cultura popular da região. Dessa forma, o projeto se consolida como um importante espaço de criação, recriação e registro da memória coletiva das ilhas, que compreende a magia dos contos fantásticos e sua divulgação em escolas e espaços adjacentes ao município, como afirma o idealizador do projeto:

Mayandeu, com sua paisagem única e as histórias que emergem de seus lagos, dunas, praias, manguezais, fauna e mata, é uma representação vibrante da essência das ilhas e da Amazônia – uma região que, muitas vezes, é vista sob a ótica do exótico e do distante, mas que carrega em sua cultura e natureza elementos de resistência, sabedoria ancestral e encantamento. Para mim, enquanto escritor, esse imaginário alimenta minha obra, tornando os contos fantásticos e a literatura geral ferramentas poderosas de transformação e conscientização (Flávio de Britto).

Os fanzines abordam temáticas diversas do imaginário amazônico, com destaque para as lendas das ilhas da Camboinha e de Algodoal; a relação entre homem e natureza, além das memórias e vivências das comunidades locais. O fantástico e o maravilhoso dialogam com a tradição oral e a ancestralidade da região. O projeto em questão é fundamental para o contexto das escolas dos municípios em que ele atua como educador. Nesse sentido, a relação dessas temáticas com a educação escolar se estabelece por meio do reconhecimento das narrativas orais trabalhadas no projeto.

A proposta dos fanzines e pocket zines, inicialmente desenvolvidos de forma artesanal, possibilita que os educandos não apenas conheçam as histórias do imaginário de Mayandeu, mas também se reconheçam nas narrativas e expressem suas próprias experiências, fortalecendo o vínculo entre literatura, oralidade e a realidade cotidiana da localidade em que residem. O fanzine tem essa amplitude e um desprendimento quanto ao seu modo de distribuição, ou seja,

Um fanzine é diferente de uma revista tradicional justamente porque não se preocupa com o mercado editorial nem com o lucro que possa ocorrer. É uma forma de expressão livre, feita em função dos direcionamentos dados pelo grupo de editores. Publicação independente e livre, o fanzine pode ser reproduzido e pode também dar origem a outros fanzines (CAMPOS, 2009, p.2).

Nesse sentido, a escolha e uso dos fanzines parte do pressuposto de que é um tipo de “publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafos, fotocopiadoras ou pequenas impressoras off set (Magalhães, 2003, p.27). A forma artesanal e artística do gênero permite uma experimentação estética bem próxima da colagem, que surge, sobretudo, a partir de técnicas do Cubismo, Dadaísmo e Cubofuturismo, vanguardas artísticas que desconstruíram o modo de produzir arte⁵. Esse formato será retomado no Brasil no período da contracultura e da poesia marginal dos anos 1970, e intensificado a partir do movimento punk, como uma proposta de reproduzir e divulgar as ideias do anarquismo.

Assim, em meio a todo esse movimento de cunho anarquista, “o termo fanzine ganhou popularidade e passou a denominar as publicações informativas de fã-clubes ou movimentos organizados de minorias” (Magalhães, 1993, p. 23). Flávio de Britto, de forma criativa e inovadora, traz para os fanzines o gênero infanto-juvenil, ao combinar técnicas de sobreposição de imagens autorais com textos literários (recorrentes nos textos infanto-juvenis), como um *ready-made* em plena região do Salgado-PA. A obra do escritor de Mayandeuá transita fora do eixo editorial e de um cânone amazônico, nas “bordas”, na acepção de Jerusa Pires Ferreira (2010, p. 11), “consideração de espaços não canônicos, trazendo para o centro da observação, os chamados periféricos, privilegiando segmentos não institucionalizados”.

Além disso, a iniciativa do Primolius abre espaço para que os alunos tenham suas produções valorizadas em exposições e apresentações dentro do ambiente escolar, que promove o protagonismo estudantil e estimula a criatividade das crianças. Mais do que um exercício de leitura e produção textual, o projeto promove um aprendizado ativo, em que os educandos criam narrativas a partir de suas próprias vivências.

Para integrar os fanzines ao universo da leitura infantil, o autor adota metodologias participativas, lúdicas e sensoriais, como rodas de contação de histórias, oficinas de criação coletiva, dramatizações e ilustrações livres. Ao interagir com elementos da oralidade e do imaginário de Mayandeuá, esses estudantes ampliam sua percepção sobre pertencimento cultural, tornando-os multiplicadores desse conhecimento. De forma prática, através de oficinas e exposições escolares, a iniciativa reforça o protagonismo dos alunos e alunas, oferecendo-lhes um espaço para expressar suas

⁵ Quanto à origem do gênero, “o termo fanzine é um neologismo formado pela contração dos termos ingleses fanatic e magazine, que viria a significar “revista do fã” (Magalhaes, 1993, p. 9).

ideias e consolidar sua relação com a arte e a literatura. Essa experiência, aliada à formação técnica adquirida, prepara-os para atuarem no cenário cultural como escritores ou artistas regionais.

Os fanzines e pocketzines seguem um formato artesanal e acessível, utilizando materiais simples, mas cheio de criatividade. As produções são feitas em papel A4 que, dobrado e montado, dá forma ao pocket zine. Para a composição visual e textual, são empregadas técnicas de recorte e colagem, reaproveitando imagens de revistas e jornais usados, além do uso de giz de cera, lápis de cor, régua, cola e muita imaginação. Sobre essa forma de produção e técnica, Galvão (2010, p. 95) afirma que “o fanzineiro toma contornos de um artesão da linguagem, não só do texto escrito, mas do texto escrito que se funde com outros através de colagens, desenhos e interferências”.

Em seguida, após a criação da matriz original, são feitas as cópias, possibilitando a distribuição e exposição dos volumes. Além da parte estética, os fanzines e pocketzines funcionam como um instrumento educativo e cultural. Dessa forma, o processo de criação vai além do simples recorte e colagem, tornando-se uma experiência imersiva que conecta os visitantes das ilhas com a literatura, a arte e a cultura de Mayandeuá.

As ilustrações dos fanzines são produzidas pelo próprio autor, que realiza montagens visuais a partir de colagens artesanais, combinando recortes de revistas, desenhos feitos à mão e intervenções com pintura e coloração com lápis de cera ou de cor. Esse processo, ao mesmo tempo intuitivo e cuidadoso, busca refletir a espontaneidade, os símbolos e as cores que marcam o imaginário da ilha de Mayandeuá. Seus fanzines, ao colocar as imagens como parte da narrativa, se configuram como “Art-Zines”, produzidos por meio de técnicas variadas que envolvem colagem, desenho e outras formas que dialogam com as artes visuais.

As edições destinadas ao formato de livro impresso, com acabamento gráfico e as ilustrações, são editadas com o auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), sempre sob orientação precisa do autor, que busca garantir certa “fidelidade” estética e simbólica às narrativas das ilhas e da Amazônia. Nos fanzines do escritor de Mayandeuá, a combinação entre texto literário e imagem é concebida como uma extensão da própria narrativa: a visualidade não apenas ilustra, mas amplia o campo sensível da leitura, criando uma experiência rica em camadas de significação e cores. Além disso, as ilustrações recriam novas formas de visualizar as lendas da região, em representações estéticas que ajudam no entendimento das narrativas.

A ideia de incorporar tecnologias digitais à produção dos fanzines surgiu a partir da necessidade de democratizar o acesso à cultura e registrar as oralidades em suportes contemporâneos, sem renunciar à ancestralidade amazônica presentes nas histórias de Mayandeua. No contexto atual, de certa maneira, a tecnologia oferece facilidades, dentre estas, ferramentas gratuitas de edição e diagramação, além de plataformas de difusão que permitem levar as narrativas para além dos limites geográficos da ilha. No entanto, quando se trata da utilização de Inteligência Artificial para geração de imagens, o processo exige refinamento: é necessário testar dezenas de variações até encontrar uma ilustração que se aproxime, de fato, da “essência” visual e simbólica da história contada.

Esse desafio revela um paradoxo: a facilidade da ferramenta contrasta com a complexidade de captar visualmente a alma de narrativas tão específicas e enraizadas culturalmente. Assim, as tecnologias são usadas na montagem e finalização dos fanzines e digitalização de ilustrações artesanais, além de compartilhamento dos materiais em diferentes suportes, como e-books e redes sociais. Desse modo, o digital atua como um aliado na preservação e reinvenção da memória coletiva de Mayandeua.

A Mayandeua de Flávio de Britto é composta de 90 níveis ou domínios que aparecem no Mapa do imaginário popular de Algodual. Há os portais em VII níveis, em que transitam: Sereias, Caruanas, Feiticeiras, Cidades invisíveis etc. Encontramos espaços de “Contato” com mais VII níveis: Terra, Água, Fogo, Ar, Metal, Madeira e Éter. A partir deste nível, surgem diversos seres lendários e do mundo natural: Botos, Cobras Grandes, Curupiras, Dragões, Elfos, Fadas, Fênix, Harpias, Jacintas, Juruparis, Mapinguaris, Maracanãs, Ratos, Tucuxis, dentre outros. A partir do nível 71 aparecem os “Reinos”, que se configuram a partir de 20 espaços de encantaria. O nível 68 é onde se encontra o “Palácio da Princesa”, bem próximo ao Lago onde ela é soberana.

Nos domínios da Princesa do Lago

O Lago da Princesa é o destino escolhido de praticamente todas as pessoas que visitam a ilha de Algodual. Para chegar ao local, é necessário atravessar alguns quilômetros em carroças, ou se preferir, aproveitar a natureza seguindo caminho pela areia, dunas e estradas em meio aos ajuruzaís para encontrar o destino. Ao chegar nos domínios da Princesa, há um frontispício com os dizeres: “Eu amo o Lago da Princesa – Algodual-Pará”. A partir dessa trilha, surgem as grandes dunas que, de acordo com uma das matrizes lendárias, é o espaço onde transita a Princesa de Maiandeua em suas

andanças. No entanto, a lenda da jovem é envolta por diversas matrizes e arquétipos, já que não há uma versão central única, como é tradicional quando falamos sobre as narrativas orais.

Dentre os pesquisadores que analisaram a lenda da Princesa encantada, destacamos os escritos de Câmara Cascudo e José Coutinho de Oliveira. O primeiro autor afirma que essa lenda está presente na cultura nordestina, em que a personagem surge em forma de uma serpente (Cascudo, 1979). Além disso, o folclorista explica que “essas princesas tornadas serpentes são vestígios do ciclo das Mouras na Península Ibérica. Em Portugal, quase a totalidade das Mouras Encantadas vive sob as escamas reluzentes de imensos ofídios repelentes” (Cascudo, 1979, p.735).

Outra característica delas é a metamorfose, já que podem, em momentos especiais, usarem a forma humana para transitar no mundo corpóreo, para depois novamente se transformarem em serpente. Sobre o tema da metamorfose no contexto literário, Fares (2015, p. 203) afirma que “a literatura latino-americana e, conseqüentemente, a literatura brasileira são pródigas na temática, a própria natureza do fantástico e do maravilhoso recorrentes nos textos dessas literaturas institui uma tônica”, algo que Projeto Primolius traz em diversas narrativas.

Em seu livro *Imaginário amazônico*, Oliveira fala de Mayandeua e da lenda que envolve a “Princesa do Lago”. Para ele, há uma nítida influência europeia na configuração da referida lenda: “a lenda maiandeuense criou, no seu lago, uma princesa ‘made in Germany’, loura, de uma beleza de Gretchen distinguida com o título de ‘Miss Europa’, toda vestida de branco, passeando, todas as noites, o seu porte senhoril às margens da lagoa” (Oliveira, 2007, p.113). As informações registradas pelo pesquisador deixam entender que a Princesa não tem os poderes das Sereias homéricas ou das Iaras amazônicas. Segundo ele, na mesma citação, “não vale à pena perder tempo, tinta e papel com a ‘Princesa do Lago’. Os ‘Contos de Grimm’ dever ser responsáveis por elas”.

Ambos os autores relacionam a lenda da Princesa encantada com matrizes europeias, como se isso subvertesse a “originalidade” da própria lenda. Contudo, para Meletínski (2002, p. 158), “os temas tradicionais que se transformam, em princípio, em arquétipos, são conservados por muito tempo na literatura, manifestando periodicamente e de maneira nítida o seu caráter arquetípico”. Pelo viés da cultura, esse diálogo entre narrativas é marcante no conto maravilhoso e noutros gêneros, e é parte de um sistema mais complexo de intercâmbio, pois, “para compatibilizar culturas tão distantes e próximas, o texto adapta todo um sistema cultural, por outro, vai se apoiando numa espécie de sistema de potencialidades diferenciadoras” (Ferreira, 1995, p.52).

Em seus contos, exclusivamente sobre a Princesa do Lago, Flávio de Britto cria essa teia narrativa que se desenvolve a partir da história da personagem, com base em várias matrizes. Para Ferreira (1995, p.49), “há uma espécie de malha no conto maravilhoso conduzindo os esquemas narrativos”. Esses esquemas formam ramificações de histórias que surgem como variantes, a partir de uma matriz universal, ou seja, “no caso das versões populares do conto e sua recepção, há como que a presença de um mega-texto que vai, e sua essencialidade, oferecendo rumos para muitos caminhos que toma esta comunicação narrativa (Ferreira, 1995, p.51).

Num panorama geral da obra de Flávio de Britto, essa cartografia de lugares e de seres fantásticos cria uma interseção de matrizes narrativas que ultrapassam as fronteiras da Amazônia. Tal posicionamento do autor em sua escrita, ao unir culturas diversas, pode ser entendido a partir do pressuposto de que “a compreensão de produção simbólica de uma sociedade se dá pela análise das trocas informacionais que ocorrem tanto no interior de uma dada organização, como entre diferentes estruturas” (Machado, 2003, p.157).

Desse modo, o autor se utiliza nos fanzines de criações literárias fora do contexto de Mayandeua e de seu lendário tradicional indígena. Esse intercâmbio se dá, sobretudo, por meio dos portais que permitem o livre trânsito entre os espaços que compõem a geografia da ilha. As histórias se cruzam dando origem a uma trama intersemiótica, em que Mayandeua se universaliza ao compor um imaginário mais amplo e inclusivo, com a presença de entidades de outras culturas, numa trama de signos e arquétipos modernos e da antiguidade presentes na memória coletiva, “que não apenas armazena informações como também funciona como um programa gerador de novos textos, garantindo assim a continuidade” (Machado, 2003, p. 54).

O tema dos encantados na Amazônia é uma questão à parte da presente análise, por conta da amplitude do tema que compreende tanto a literatura oral, quanto os estudos ligados à Pajelança. Já a relação entre a encantaria e o feminino remonta narrativas ancestrais e mitologias que se ampliaram como arquétipos em diversas culturas e literaturas. Sobre esse liame que conecta o pensamento mitológico e os escritores, Meletínski (1987, p.329) afirma que

A literatura está geneticamente relacionada com a mitologia através do folclore, e particularmente a literatura narrativa – a que dedicamos em primeiro lugar –, se liga a mitologia via conto maravilhoso e epos heroico, que surgiram nas profundezas do folclore (naturalmente, muitos monumentos do gênero épico e do conto maravilhoso continuaram a desenvolver-se ou foram até recriados em livros).

Dentre esses arquétipos, podemos citar, inicialmente, o mito das sereias de Homero e o perigo que elas representam para os viajantes, com seus poderes do canto e da “sedução mortal”, vistas como “demônios marinhos” (embora apareçam em forma de pássaros). Segundo Brandão (1989, p.311), “as sereias traduzem as emboscadas, provenientes dos desejos e das paixões”.

Na mitologia germânica, a Ondina também é um arquétipo marinho e com poderes de sedução, geralmente associada aos seres femininos do imaginário amazônico, como, por exemplo, a “Oiara”, que é caracterizada, em certos contextos, com base no *ethos* europeu. Assim como as sereias homéricas, “eram gênios elementares, comparáveis aos deuses fluviais e às náides das tradições greco-latinas” (Spalding, 1973, p.34).

No contexto medieval, Cascudo (1984, p.181) fala sobre a Moura encantada “transformada em serpente, desencantando-se na noite de São João em moça bonita, perto das fontes, penteando-se com pente de ouro e cantando como anjos do céu”. De acordo com o pesquisador, a lenda veio para o Brasil e tomou as feições da “Mãe d’água” e mantendo-se escondidas nas fontes. Essas matrizes indicam a relação íntima do feminino com as águas (fundo dos rios, lagos e praias) e o poder do canto sedutor sobre as pessoas, recorrentes em diversos contextos: “ela atrai os moços e os fascina, mostrando-lhes seu rosto belíssimo à flor das águas e deixando submergir a cauda de peixe (Loureiro, 2001, p.259-260). A princesa do lago de Maiandeuá carrega essas nuances do arquétipo das sereias europeias, contudo, “aclimatou-se” às águas salgadas da ilha de Algodão e tornou-se parte desse ecossistema visível e não visível da região.

Um mergulho no Lago da Princesa

Nos diversos contos infanto-juvenis, que compõem o acervo do Projeto Primolius, é marcante a presença do arquétipo feminino das sereias, principalmente nos textos sobre a Princesa encantada do Lago, em que aparecem versões narrativas que expandem o entendimento da lenda em novas matrizes e produzem diferentes interpretações acerca da personagem como protetora da ilha encantada de Mayandeuá. Para essa análise, selecionamos contos fantásticos de Flávio de Britto, publicados em fanzines impressos e digitais, em que aparece o protagonismo feminino da Princesa em diferentes versões. No entanto, apesar das diferenças entre os contos, há uma unidade que envolve as figuras femininas lendárias, como integrantes do universo ficcional de Mayandeuá.

No primeiro conto intitulado “A princesa de Algodóal”, o tema das grandes navegações é o ponto de partida de uma aventura que irá desembarcar nas praias de Algodóal. Nessa travessia, o amor proibido entre a filha de um navegador e de um “jovem e corajoso marinheiro” é o centro de uma trama dramática, em que o pai da moça (capitão do navio), “via no amor proibido uma afronta à sua autoridade e tradições”.

Por ordem do próprio capitão, o rapaz foi lançado ao mar, o que levou a princesa, num ato de desespero, jogar-se em busca do amado. A ação desesperada da jovem pode ser interpretada como uma forma de suicídio, já que “a água que é a pátria das ninfas vivas é também a pátria das ninfas mortas (Bachelard, 1997, p.84). Além disso, a imagem retoma o intertexto da personagem Ofélia, morta nas águas após o suicídio impensado. A água tem a simbologia “da mulher que só sabe chorar suas dores e cujos olhos são facilmente ‘afogados de lágrimas’”(Bachelard, 1997, p.85).

Após isso, a princesa aparece encantada em outras terras, na ilha de Algodóal, e começa fazer parte do imaginário dos moradores da vila: “Contavam os mais antigos que, durante as noites de lua cheia, uma figura enigmática emergia das profundezas do oceano, envolta em um manto de tristeza e saudade”. Depois de sua morte nas águas do mar, ela estava “condenada a vagar eternamente entre os vivos e os mortos, em busca de redenção e libertação”. O conto, a partir desse momento, informa que “a lenda da princesa se mesclou com outras histórias e mitos da região, criando uma teia de muitas lendas e tradições que ecoavam através dos séculos”.

Percebemos que a princesa de Mayandéua é uma mescla de outras tradições culturais, como afirmamos antes, que culmina na lara amazônica, a partir do cruzamento de fontes, já que, no entender de Loureiro (2001, p.260), “essa genealogia veio na bagagem cultural do colonizador português que entrelaçou essas narrativas com a lenda nativa já existente”. A memória coletiva de Algodóal, segundo o narrador do conto, guardou na lembrança a tragédia vivida pela princesa. Ela sempre reaparecia com a chegada da lua cheia, em busca de redenção para sua grande tristeza.

Em outro conto, “A mãe do lago de Mayandéua”, a personagem aparece como guardiã da ilha e protetora do mundo natural. A narrativa mostra que o poder da Princesa do Lago vai muito além de seus domínios e de uma forma comum: “Sua presença não é apenas um eco do misticismo local, mas um símbolo da própria essência da ilha. Ela é a guardiã que protege as águas, os segredos profundos e as vidas que dependem do equilíbrio natural”. Pela descrição, ela é a própria ilha, uma forma “rizomática” que engloba cada fenômeno, daí o fato de não ser limitada a uma única forma: “Alguns

a veem como uma mulher de longos cabelos trançados, feitos de fios de água que brilham ao luar. Outros falam de uma criatura translúcida, com olhos que refletem todas as cores dos lagos”. Além disso, há um “espírito” que engloba todo o sistema de Mayandeuá por meio de uma força invisível “sentida em toda a ilha, desde os igarapés escondidos até os grandes lagos que reluzem sob o sol”.

Cada versão sobre a princesa do lago é carregada de arquétipos que remontam mitologias do passado. Embora alguns estudiosos tenham descrito a cidade encantada e sobre a princesa que nele habita, realmente, não “mergulharam” mais fundo, já que as descrições são genéricas e sem detalhes mais precisos sobre a vida marítima dos encantados, como explica Sant’Anna Nery (1992, p. 161), “Somente os pajés conhecem bem a cidade misteriosa, pois ninguém ignora que eles podem viver até sete anos seguidos debaixo das águas”.

O tema da proteção ambiental, recorrente nas lendas do Primolius, forma em grande parte o enredo das narrativas criadas por Flávio de Britto. Ao mesmo tempo, as essas narrativas convergem e se ampliam como um “rizoma” que vai alinhavando os diversos seres fantásticos que povoam o universo ficcional e Mayandeuá. Nesse contexto, a Cobra grande traz em si uma relação íntima com a Princesa do Lago, por conta da ancestralidade que cada lenda carrega dentro da memória coletiva dos moradores da vila de Algodual: “uma velha cobra, a misteriosa guardiã do manguezal, próximo ao Furo-Velho que habitava as profundezas daquele canal, um lugar entre as pedras que cortavam o manguezal como uma cicatriz prateada na lama”⁶.

Nesse sentido, a Princesa do Lago apresenta certo parentesco arquetípico com as Melusinas medievais, serpente-mulher, mulher/serpente. Assim como a guardiã de Mayandeuá, que transita pela praia no período noturno, a Melusina retorna durante à noite, “quando ela volta invisível para ver seus filhos pequenos” (Le Goff, 2009, p.187). Por outro lado, diferente da Princesa do lago, protetora da natureza, a personagem medieval “desmata, constrói cidades e castelos medievais” (Le Goff, 2009, p.191).

Em adaptações desse mito, como explica Le Goff (2009, p.194), “Melusina é uma heroína cósmica, bem mais ligada à natureza em geral. Além de heroína aquática, ela é uma heroína silvestre e, graças às suas asas de dragão e seus voos noturno, uma fada celeste”. Ainda segundo o referido pesquisador, há uma aproximação nítida entre essa heroína e a Ondina, ou seja, o parentesco com as águas.

⁶ Ver a narrativa *Agyrus e a cobra de duas cores*, disponível em: <https://projetoprimolius.blogspot.com>. SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayandeuá e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

No conto intitulado “Reino encantado das Caboclas d’água”, o narrador apresenta personagens femininas que ajudam na proteção de Mayandeua. As Caboclas d’Água, na descrição do conto, são “Amigas íntimas da princesa da ilha, essas entidades sobrenaturais eram encarregadas de proteger os lagos, furos e a entrada do Furo-Velho, um ponto crucial para o equilíbrio das águas que sustentavam toda a região de Maya”. Sobre o termo “caboclo” se refere à matriz indígena e à herança dos povos ancestrais da Amazônia, a partir de vários “cruzamentos”, como bem afirma Fares (2007, p. 3), “reitera-se que cultura da América latina, do Brasil, da Amazônia, é miscigenada, híbrida, mestiça”. Além desse hibridismo, a pesquisadora explica que

De raiz indígena por natureza, a cultura brasileira traz a marca branca dos colonizadores portugueses, que impuseram o rei, a língua, a fé, fortalece-se pelos que aferraram com o suor e arte inventada pela saudade e o traço forte do batuque afro, dos escravos trazidos da África.

A narrativa em questão mostra as Caboclas como guardiãs de Mayandeua, ou como sentinelas diante dos limiares da região encantada, “conhecidas por sua habilidade de controlar os corpos d’água e de castigar aqueles que se atrevessem a desrespeitar a natureza”. O autor do conto explica que os seres protetores da natureza são “mentoras, cuidadoras do dia a dia das ilhas, onde através da fauna e flora elas encantam e desencantam muitos que as procuram” (Flávio de Britto). Essa também é a missão de Mayazita, outra personagem feminina que forma o “cerco” da Princesa do lago e tem como função manter o equilíbrio da natureza: “Seus cabelos castanhos-claros, trançados com flores, enquanto seus olhos verdes pareciam guardar segredos antigos e promessas futuras”. Ela engendra o poder arquetípico de “Midas”, “desde criança, Mayazita possuía um dom único: ela transformava dor em beleza e adversidade em esperança através de suas histórias”.

Em “De repente Agora” surge a filha da Princesa do lago. Seu dom principal é o canto: “Havia algo de mágico na sua voz, como se cada nota fosse capaz de despertar os segredos mais profundos da natureza ao seu redor”. Nessa narrativa, Flávio de Britto retoma o mito das Sereias e o poder do canto sedutor, como acontece durante a travessia de Ulisses, personagem da *Odisseia*; ao mesmo tempo, há um cruzamento de matrizes que traz à tona a lenda da Iara amazônica, que seduz com seu canto mavioso os moradores ribeirinhos: “é pelo canto que ela se anuncia ao navegante ou ao morador da beira do rio.

Por trás do canto da Iara há um sensualismo de irresistível atração fatal dos jovens, sobre ao quais recai sua predileção (Loureiro, 2001, p. 260). Diferente da voz mortífera das Sereias gregas, a

filha da princesa usa seu canto para equilibrar as forças da natureza e dos elementos primordiais: “cada verso trazia a força dos elementos: a imensidão do mar, a imensurável vastidão do céu, a firmeza da terra e a potência do fogo”. Durante o conto, um “rei malvado”, alegoria das forças contrárias ao equilíbrio da natureza, intencionava “quebrar o equilíbrio natural daquele lugar mágico, abrindo todos os Portais da ilha”.

Como vimos anteriormente, o tema da metamorfose é marcante no imaginário amazônico, em que é possível encontrar seres terrenos e, ao mesmo tempo, voadores. É o caso, por exemplo, das “Matintas”, que possuem esses atributos (Fares, 2015). Nessa fusão, as “Sereias-Guarás” criadas por Flávio de Britto, remontam novamente o mito das Sereias, contudo, vestidas com as plumas vermelhas dos Guarás, aves que fazem parte do cotidiano de Mayandeua⁷. O próprio mito grego traz essa duplicidade:

Meio mulheres e meio pássaros ou com a cabeça e tronco de mulher e peixe da cintura para baixo, as Sereias tornaram-se demônios marinhos. Frias da cintura para baixo, por serem peixes, desejando o prazer, mas não podendo usufruí-lo, *atraíam e prendiam os homens para devorá-los*, o que, aliás, está de acordo com sua etimologia (Brandão, 1989, p. 310).

Nesse conto intitulado “As Sereias-Guarás”, a voz narrativa divide os domínios da região em 4 locais (manguesais), respectivamente, Camboinha, Algodoal, Mocooca e Fortalezinha. Esses lugares estão sob o domínio de 4 sereias: Cyrilinus, Ondynus, Maryster e Azydesa. Assim como a filha da Princesa do lago, elas possuíam “vozes hipnotizantes” capazes de seduzir seus ouvintes. O canto, antes letal para os viajantes na antiguidade, torna-se uma forma unir as forças necessárias para a “proteção dos mangues e do ecossistema”.

Finalmente, no conto “Marola”, o mito de Caronte surge nas areias e águas de Mayandeua. Nessa travessia, a passageira é uma mulher “com uma silhueta admirável, ela perguntou se ele poderia levá-la para a outra margem. Sem hesitar, ele prontamente disse que sim”. Caronte se transfigura num jovem que normalmente faz a travessia de passageiros entre as praias de Algodoal e adjacências. A tradição mitológica informa que Caronte “tem a missão de as fazer [almas] passar duma margem para a outra” (Grimal, 2005, p.35).

⁷ Jorge Luis Borges (1974, p. 145) em seu *O livro dos seres imaginários* explica que na primeira versão do mito das sereias, Ovídio as caracteriza como “aves de plumagem avermelhada e rosto de virgem”, corroborando a matriz presente no Primolius.

SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayandeua e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Embora o mito seja uma referência ao “devaneio da morte”, na acepção de Bachelard (1997), o conto do Promelius demonstra o momento da travessia de uma mulher intrigante que “tinha cabelos negros, cintura de caju e os lábios mais roxos que o caboclo já havia visto na vida. A pele da passageira foi logo iluminada com a luz do sol, que chegava de mansinho por entre as águas de Mayandeua, cravejadas de liberdade”.

Outra transfiguração indicada neste excerto é a aparição de uma Princesa do lago morena que seduz o barqueiro somente com sua presença marcante e seus “beijos de açaí”. O barqueiro não sabe de quem se trata, mas sente um chamado diante da “imagem de uma legítima mulher daquelas regiões do Salgado”. A Princesa morena voltava para seu reino em Algodoal: “ao alcançar o trapiche, o rapaz contemplou novamente a força daquela moça. Com uma voz afetuosa, ela agradeceu a gentileza do rapaz, que não quis nada em troca por deixá-la em Algodoal, e saiu de cena”. O final do conto mostra que “o rapaz nunca reencontrou a morena de lábios perfeitos”, e fica realmente claro que se tratava da Princesa do lago, numa de suas aparições para a gente de Mayandeua.

Não é o fim da jornada...

A produção literária de Flávio de Britto se instaura no contexto da literatura infanto-juvenil amazônica como um projeto de grande envergadura estética, ao unir diversos imaginários em torno da cidade encantada de Mayandeua, numa obra que transita em lendas do acervo local que compreende os espaços da Camboinha, Fortalezinha, Algodoal e Mocooca. Como vimos no decorrer do artigo, o projeto focaliza as narrativas orais desses lugares a partir de conexões arquetípicas de culturas ancestrais indígenas, nórdicas, germânicas, gregas, dentre outras. Esse plano estético representa uma forma de ampliar as possibilidades criativas da literatura infanto-juvenil na Amazônia, ao inserir o fanzine, meio de divulgação do gênero, em diferentes contextos de recepção, seja na forma tradicional impressa ou em contextos digitais, com a divulgação nas escolas onde o artista trabalha como educador.

A literatura infanto-juvenil do Projeto Primolius transita nos lugares que realmente ela precisa fluir: mas mãos das crianças e nas escolas. Os fanzines do projeto surgem pelas “margens” da literatura, nas bordas dos pequenos barcos que fazem a travessia diária para Algodoal e outros lugares, e se multiplicam nos varais em que são vendidos nas praias de Mayadeua. Sua produção diária e uso na escola para as aulas de leitura e língua portuguesa é uma forma de persistência diante da falta de

incentivo e patrocínio dos poderes locais. Mesmo diante de tais situações, Flávio de Britto não cessa idealizar novos projetos e ampliar sua pesquisa mitológica.

Nesse sentido, o autor de Mayandeua projeta a criação de uma coleção digital interativa, que incluirá trilhas sonoras originais, mapas afetivos da ilha de Mayandeua e versões multilíngues das narrativas em espanhol, inclusive em línguas indígenas. Essa iniciativa visa ampliar o alcance e a acessibilidade do projeto, promovendo o encontro entre tradição oral e tecnologia. Paralelamente, pretende instituir oficinas permanentes de formação de contadores de histórias, fortalecendo a autonomia das comunidades para que se tornem também autoras de suas próprias narrativas e memórias. Em termos literários, os próximos passos envolvem a organização das produções em tipologias textuais específicas, resultando em coleções como: Contos de Mayandeua, Fábulas de Mayandeua, Crônicas de Mayandeua, dentre outros gêneros. Essa sistematização possibilitará uma leitura mais aprofundada e segmentada dos gêneros explorados ao longo dos fanzines.

Por fim, está em desenvolvimento uma terceira fase do projeto, de caráter mais amplo e narrativamente coeso: uma saga literária, na qual os personagens já apresentados nos fanzines se reunirão em uma trama épica de enfrentamento entre forças da preservação e os agentes de destruição ambiental e cultural — um verdadeiro embate ecológico e literário, tendo as ilhas como palcos simbólicos e real dessa luta na Amazônia. É assim que a literatura infanto-juvenil de Flávio de Britto abre novos flancos no contexto das letras paraenses, e singra seu navio lendário para muito além das praias encantadas de Mayandeua!

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Carmen Vera Cirne Lima. São Paulo: Globo, 1974.
- BUSANELLO, W. L. *Fanzine como obra de arte: da subversão ao caos*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2. ed. 2018.
- CAMPOS, Fernanda Ricardo. Fanzine: da publicação independente à sala de aula. Pôster apresentado no *III Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. Acessado em: 02/03/2025.

SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayandeua e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

FARES, Josebel Akel. *Um Memorial das Matintas Amazônicas*. Belém: Fundação cultural do Pará, 2015.

FARES, Josebel Akel. Teorias da mestiçagem e poéticas amazônicas. In: *III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2007.

FARES, Josebel Akel (Org.). *A literatura infantil e juvenil em diferentes tempos e espaços: pesquisas na Amazônia*. Belém: Edupea, 2026.

FERREIRA, Jerusa Pires. Matrizes impressas da oralidade. In: *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Org. Zilá Bernd e Jacques Migozzi. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

GALVÃO, D. G. Ressonâncias no meio do caminho e/ou no caminho do meio: a poética infame dos fanzines. In: MUNIZ, C. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

GIESE, Daniel Rebisso. *Vampiros extraterrestres na Amazônia*. Belém do Pará. 1991.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bestrand Brasil, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001.

MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MAGALHÃES, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. 2003.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MELETÍNSKI, Eleazar Mosséievitch. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forence – Universitária, 1987.

MELETÍNSKI, Eleazar Mosséievitch. *Os arquétipos literários*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Granja Viana Cotia, 2002.

NERY, F. J. de Santa-Anna. *Folclore Brasileiro*. Recife: Massangana, 1992.

SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayandeua e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

OLIVEIRA, José Coutinho de. *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2007.

ORICO, Osvaldo. *Mitos ameríndios e crendices amazônicas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: INL, 1975.

SOUZA, Patrícia Inês Garcia de. Mayandeua: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade do litoral paraense. *Dissertação de Mestrado*. Campinas, SP: [s.n.], 1999.

FALAS BREVES

SANTOS JUNIOR, Guilherme dos. O imaginário mítico de Mayandeua e a lenda da princesa do lago na literatura infantil e juvenil de Flávio de Britto. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069